

Breves considerações sobre alguns aspectos da literatura angolana

Petelo Nginamau Ne-Tava *

ORCID iD <https://orcid.org/0009-0005-9644-921X>

RESUMO

Saindo dos caminhos da literatura colonial, os escritores angolanos começaram a desenvolver uma literatura nova e diferente, expressão da nação e das realidades do povo angolano. No contexto colonial, denunciou-se os males da colonização portuguesa; na pós-independência denuncia-se os limites das lideranças dos próprios angolanos. Na escrita, além do português de Portugal, alguns escritores utilizam uma língua híbrida, mistura de português com línguas nativas (principalmente o Kimbundu), maneira de aproximação da língua pelo povo.

PALAVRAS-CHAVE

Colonização Portuguesa; Libertação Cultural; Independência Nacional; Literatura Angolana

Brief considerations on some aspects of Angolan literature

ABSTRACT

Leaving the paths of colonial literature, Angolan Writers began to develop a new and different literature, an expression of the nation and the realities of the Angolan people. In the colonial context, the evils of Portuguese colonization were denounced; in the post-independence period, the limits of the leadership of Angolans themselves are denounced. In writing, in addition to Portuguese from Portugal, some writers use a hybrid language, a mixture of Portuguese and native languages (mainly Kimbundu), way of people approaching the languages.

KEYWORDS

Portuguese colonization; Cultural liberation; National Independence; Angolan literature.

LUFUPI

Misoneki mya Ngola basisa nzila zasonekenge mindele. Basosa mpe bakota um nzila ya n'kaka, ya mpa. Bayantika soneka mambu matadidi luzingu lwa Besingola, mpasi zawu, ngindu zawu ye vuvu kyawu. Um ntangu ya luyalu lwa mindele, basoneka mbi yawu basala kwa Bandombe. Ku nima ya kimpwanza ('dipanda'), misoneki mumonesa bena mbi za bamfumu ba Ndombe. Um matadidi ndinga ya sonekena, misoneki myan'kaka um kinputu kya Mputu basonekenanga; ban'kaka mukotesa bena ndinga za Ngola (eyantete mu dyambu dyodyo Kimbundu), mu mputulukezo. Batasala mpila yoyo mutoma finama ye n'kangu ye mpila zani zavovela.

M'VOVO MYA M'FUNU

* Doutor, Universidade Agostinho Neto. É licenciado em Filosofia e Letras pela Universidade de Lubumbashi, República Democrática do Congo. Pós-graduado em Estudos Italianos pela Universidade de Perugia (Itália). Doutorado em Literatura pela Universidade de Lubumbashi. Foi docente e director-adjunto da cooperação, assessor científico do reitor e secretário do Conselho da Universidade de Lubumbashi. Leccionou na Universidade de Kinshasa de 1992 a 2003. Atualmente é Docente Investigador e Vice-Decano para os Assuntos Científicos da Faculdade de Letras da Universidade Agostinho Neto. E-mail: netava@gmail.com

Luyalu lwa Mputukezo sikama kya kyesinsi; Dipanda dya Besingola; N'soneki za Ngola.

Considerações Iniciais

Falando da concepção e da produção da literatura angolana (como também da de vários países do continente africano), verifica-se, ainda na era colonial, uma verdadeira viagem; a literatura de postura colonial, marcada pela procura exótica e pela atração do 'esquisito' supostamente característico da África, em particular da África negra, literatura que fazia a felicidade do europeu, sobretudo do antropólogo eurocentrista, foi progressivamente substituída por uma nova, de índole nova e diferente. Foi assim que se criou uma literatura nacional, logo a seguir nacionalista, verdadeiramente africana.

Precursor da mudança de paradigma e de perspectiva ou visão na produção das literaturas africanas foi o caso sintomático de *Batouala, véritable roman nègre* (1921), romance de René Maran, negro da Guiana nascido na Martinica e administrador francês no Oubangui Chari, região do centro africano. A publicação do romance suscitou uma polémica sobre esse 'escândalo Batouala'. Pela primeira vez, depois de tanta literatura colonial amplamente consagrada, o Negro foi apresentado na sua realidade e verdade de ser humano, racional e coerente, e já não como aquele animal esquisito com hábitos incompreensíveis e altamente reprováveis (Chevrier, 1990: 21-23).

A presente reflexão dedica-se à evocação de alguns aspectos da produção literária, linguística e outras artes no espaço angolano dos séculos XX e XXI, mas sem alguma pretensão exaustiva: como indica o título, limita-se a certos nomes e obras. Num primeiro momento, apresentamos dados dessa literatura no contexto colonial e num segundo momento, no período pós-independência.

1. Aspectos da contextualização

Dois momentos de estudo são previstos: contexto colonial e contexto da pós-independência. Uma das definições do conceito de literatura percebe nela um 'conjunto de obras de uma época ou de uma Nação'. Dessa definição formulada no início do século XXI em França por Madame de Stael, precursora da sociologia da literatura acabou por sugerir o conceito de 'literatura nacional'. Sendo a literatura estreitamente ligada à sociedade, ela não surge "ex nihilo" nem "ex abrupto". O fenómeno literário coexiste com alguns parâmetros obrigatórios, tais como a história, a sociedade e, por conseguinte, a sua cultura. Assim, explica-se e justifica-se a correlação e interação que une a literatura a esses parâmetros.

É preciso sublinhar que, de maneira geral, a criação literária africana se caracteriza pela funcionalidade nisto, pode-se afirmar que herdou da visão essencial da arte tradicional na África do antigamente. Em outras palavras, a estilização não constituía uma ruptura entre a perspectiva estética e a função social, com base num enquadramento no contexto sócio histórico e cultural.

Nos anos 40 do século passado, os estudantes angolanos em estadia de estudos de superiores em Portugal tiveram a oportunidade de abrir os seus horizontes intelectuais, descobrindo novas perspectivas políticas e culturais a partir do meio ambiente global em que circulavam com efervescência sementes de várias e sucessivas correntes literárias: Renascimento negro norte-americano, Negritude francófona, Panafricanismo, Neorealismo português e Modernismo brasileiro. Essas ideologias levarão os jovens intelectuais angolanos a uma mudança de postura político-cultural, com a descoberta, pelos próprios Africanos, da identidade e da realidade propriamente africanas (Laranjeira, 1995: 414).

Altamente preocupado com o processo de libertação africana, Franz Fanon, francês da Martinica, sociólogo e psicanalista, autor de ensaios famosos, tais como *'Pele negra, máscaras brancas'* (1952, na sua versão original) e, mais tarde, *'os condenados da terra'* aponta os seguintes indícios para a estruturação da cultura nacional:

- “a necessidade de o intelectual compreender claramente o povo, objecto da sua criação, por meio de um processo de auto-imersão cultural;
- a acção da luta de libertação nacional, orientadora daquilo que deve ser a própria cultura nacional;
- a preocupação do intelectual nacionalista com o passado para se abrir o futuro “base da esperança” e convite para desencadear a acção” (Fanon, apud Bonnie, 2000:29).

O movimento “Vimos descobrir Angola” que vai se transformar no MNIA (Movimento dos Novos Intelectuais de Angola) teoricamente formulado por Viriato da Cruz constituiu o laboratório cultural do qual surgirá a consciência da necessidade de uma literatura que seja verdadeiramente a expressão da Angola real e profunda e dos seus povos (Ervedosa, 1979:107). Nisso, esses intelectuais, escritores angolanos terão abraçado a teorização de Franz Fanon sobre o fomento de uma cultura nacional em prol da libertação nacional.

A nova literatura angolana, mais fresca e autêntica, tornou-se um espaço de expressão, auto-definição e re-descoberta desses intelectuais assimilados em busca da sua verdade interior e social no seio de uma consciência renovada. Essa consciência veio iluminar a mente e o ser social do Meka, protagonista do romance “Le vieux nègre et la médaille”, do camaronês Ferdinand Oyono: condecorado pela Administração francesa por ter perdido as suas terras a benefício da Igreja católica e os seus dois filhos na segunda guerra mundial para defender a liberdade da pátria de Voltaire invadida por Hitler, ele percebeu a falsidade da suposta “amizade” da França que o humilha mesmo no dia da entrega da medalha e torna-se um agente despertador das consciências negras contra o jugo colonial europeu.

É essa mesma consciência despertada que anima o “Eu poético no poema bem conhecido, amargo mas revoltante e com sentido de triunfo nascente, de autoria de António Jacinto. Poema em que desforra a triste sorte do contratado aqui chamado de “Monangamba”, o que dá o título ao texto:



“Perguntem às aves que cantam
Aos regatos de alegre serpentear
E ao vento forte do sertão
(...)
Quem faz o milho crescer
E os laranjais florescer
Quem?
Quem dá dinheiro para o patrão comprar
Máquinas, carros, senhoras
E cabeças de pretos para os motores?
Quem faz o branco prosperar
Ter barriga grande – ter dinheiro?
Quem?
E as aves que catam,
Os regatos de alegre serpentear
E o vento forte do sertão
Responderão:
- “Monangambééé ...”

Pode-se, com isso, reencontrar uma marca daquilo que se chama de dimensão universal da literatura: “essa provém da comum humanidade do ser humano de qualquer horizonte espacial ou temporal. Trata-se geralmente da humanidade de um ser sofrido, vítima de injustiça, de assimetrias e de humilhações, em tempos de guerra como de paz. Esses desequilíbrios de várias ordens revelam-se como redutores e destruidores da humanidade...” (Petelo, 2022:77).

Na verdade, os produtores da ficção literária têm a escolha entre o engajamento e a “arte pela arte”, teoria formulada por Théophile Gautier na França de segunda parte do século XIX, frente aos “abusos” do Naturalismo, fase exacerbada do Realismo. Na sua reflexão sobre essa dicotomia entre a literatura “prática”, isto é, “útil” e a “gratuita” ou “inútil”, se assim podemos dizer, colocando obviamente esses conceitos entre aspas, o teorizador francês Roland Barthes decreta obrigação a partilha, na criação literária, entre o realismo político e a arte pela arte, entre uma moral de engajamento e um purismo estético, entre o compromisso e a assepsia (Denis, 2000).

Com a maior parte da produção literária africana, em função da ideologia da funcionalidade da arte na tradição africana do antigamente já acima referida, a literatura angolana assume geralmente a postura de compromisso de engajamento. Essa realidade demonstra-se por variadas e inúmeras manifestações, através de autores e suas respectivas obras.

Um dos escritores de destaque da era colonial é Castro Soromenho, autor da trilogia *Terra morta* (1949), *A Chaga* (1970) e *Viragem* (1975). Ele soube descrever em termos neo-realistas aspectos do sistema opressor da colonização portuguesa em Angola. *Terra morta* denuncia as condições desumanas a que eram submetidos os trabalhadores angolanos na Lunda. Para Mário de Andrade, a filosofia do domínio português em Angola pretendeu a criação de um Negro atrofiado com uma vida redutora a todos os níveis: a nível económico, um simples produtor de mercadorias desejadas pelo colono; a nível social, um puro vassalo sem direitos; a nível cultural, um mero portador dos valores europeus.

É contra esse processo de coisificação que Soromenho se levantou, prejudicando a sua própria vida, tendo sido castigado pelo sistema colonial português, como o foi o já referido René Maran, após a publicação do seu romance *Batoula* (1921), precursor da Negritude. Pela dignificação que fez do homem em geral e, em particular, do homem africano, pelo humanismo da sua mensagem, Castro Soromenho pode, com justiça e justeza, ser considerado como um herói na defesa dos direitos humanos.

Outro escritor que descreve as duras condições da era colonial sofridas pelo Angolano é Boaventura Cardoso. O sistema económico gerido pelo projecto colonial impunha a existência da demanda de mão-de-obra serventeiro para as raças de São Tomé e as fazendas de algodão, café e açúcar, a construção e manutenção de estradas, pontes, caminhos-de-ferro e minas (Kamabaya, 2003: 194).

O trabalho forçado era sinónimo de injustiça, frustração, exploração, e coisificação, sem falar da constante repressão pela política na sua fúria colonial de que será vítima a senhora Nga Fefa, do conto homónimo “Nga Fefa Kajivunda” (de Kimbundu, significa Dona Zefa gosta de problemas) da coletânea *Dizanga Dya Muenhu*. Na submissão generalizada, a quitandeira Fefa simboliza o desafio e o sentido de resistência da mulher angolana, cujo descontentamento justificado, depois de abafado durante décadas, explodirá um dia num grande grito de revolta. Esse sentimento de desafio e revolta encontra-se também em outros textos do mesmo autor como *O fogo da fala* e *A morte do velho Kipacaça* (1987, reeditado em 2014).

“A árvore que tinha batucada”, segundo dos três textos que constituem o livro *A morte do velho Kipacaça* é um recurso ao maravilhoso: aqui, mesmo o sobrenatural é chamado a contribuir para mistificar, se não neutralizar parte do funcionamento do sistema colonial na sua violência contra o Angolano e o seu meio ambiente, estando aqui em causa a sobrevivência de uma árvore cuja morte foi decretada pelo administrador colonial.

Descontentamento, frustração e injustiça são temas explorados por tantos outros escritores. Luandino Vieira reforça-os em *A cidade e a Infância*. No conto *A fronteira do asfalto*, desemboca na discriminação racial, imposta pela geografia urbana bipolar bairro de colonizador versus musseque do indígena, característica da vivência colonial, abafado e, assim, proibindo a amizade entre a menina branca a Marina e o menino negro Ricardo. Essa lição dolorosa constitui uma espécie de morte simbólica que, por sua vez, prefigura a morte física do Ricardo, vítima do seu aniquilamento pelo sistema de apartheid em vigor.

Em Boaventura Cardoso, como em Luandino Vieira, a linguagem utilizada, mistura do Kimbundu e do Português, assume, através do desvio à norma, o sentimento de revolta/reapropriação e, por conseguinte, vontade de afirmação de uma identidade cultural. A introdução da oralidade luandense, elemento da cultura angolana no discurso da norma portuguesa, foi, segundo Vieira, na altura da luta para a independência, a maneira de os escritores darem a voz às camadas sem voz; é a revelação de um discurso sobre a situação real do país. Na mesma senda, Boaventura Cardoso salienta esse mesmo fenómeno de “recreação linguística a partir da fala”; com esse seu relatar o modo de falar do povo, dá importância aos “valores culturais da nossa terra”.

Sobre o estetismo da singularidade da prática da linguagem exercida sobretudo no volume *A morte do velho Kipacaça*, Jorge Macedo, no seu prefácio (1986) reconhece com

razão que esse autor “avulta-se cada vez mais como um semantista qualificado que aproveita todos os recursos ao seu alcance para tornar o discurso literário micro e macro universo de tensões significativas” (Macedo, apud Cardoso, 2014: 14). Macedo encerra a sua reflexão, acrescentando, perante as componentes da linguagem cardosiana (sincretismos linguísticos, integrantes culturais, agramaticalidades, etc.): “De facto, a série proposta de “prática de escrita, a promoção de discurso literário a categoria de acervo cultural, porque plasmado na diversidade de valores sócio-geo-humanos, torna a presente criação um desafio de vanguardismo ...” (Macedo, apud Cardoso, 2014:15)

Evocando a problemática das razões identitárias, alguns autores dão via ao universo tradicional de crenças, mitos, rituais, tesouros múltiplos da oralidade, numa palavra, aspectos das tradições angolanas do antigamente. Pode-se citar Uanhenga Xitu, com obras como *Manana*, *Vozes na sanzala* e *Bola com feitiço*, ou Oscar Ribas em textos como *Uanga (Feitiço)* ou ainda no bem conhecido conto “A praga”. Mais recentemente, Dias Neto em *Festa dos porcos* (2018, Prémio da Fundação António Agostinho Neto) destacou a resistência dos habitantes de Icolo e Bengo por meio do recurso a uma poderosa obra de magia do velho Ngofwa que consegue confundir o racionalismo dos Portugueses graças à transformação mística dos homens para porcos, impossibilitando assim a detenção de dois supostos “terroristas” cuja presença é esperada pela PIDE na festa de casamento do costumeiro Xico dia Nguxi.

Se, no movimento da Negritude, o fortalecimento da consciência cultural criou a fase política do mesmo, os intelectuais angolanos também Passaram da etapa da revalorização cultural para a de consciência política por um dever de libertação nacional do jugo colonial português. Uma longa luta, sangrenta e feroz, separou a fase de conscientização política e o alcance da própria independência tão almejada. Na área da produção literária angolana, Luandino Vieira é dos primeiros escritores a ficcionalizar explicita e substancialmente a fase da luta militar: o seu “*A vida verdadeira de Domingos Xavier*” representa a etapa da organização dos primeiros núcleos de resistência para o grande combate.

Munido de um sentido profundo de patriotismo, o herói aceita a tortura e o sacrifício supremo. Todavia, o seu não é uma vida perdida: bem pelo contrário, pois o sangue derramado transforma-se em cimento da unidade nacional, fortalecendo a consciência do povo angolano. O encerramento dessa ficção e a sua significação no fim soam como uma reminiscência de *Ô pays, mon beau peuple!* (1985) do senegalês Sembene Ousmane romântista e cientista: nesse romance, Oumar Faye, que despertava a consciência dos

camponeses sobre os seus direitos e interesses frente aos exploradores estrangeiros, acaba morto para silenciar o seu compromisso, mas essa morte terá um efeito contrário.

Assim, o herói torna-se um “engenheiro de almas” ou “multiplicador de almas”, no entendimento de Aimé Césaire, o poeta do Caderno de um regresso ao país natal, que lançou esse conceito na altura do encerramento do segundo Congresso dos Escritores, Artistas e Homens da cultura negro-africanos em Roma em 1959. Feito por Mussunda, um responsável da rede clandestina, o anúncio da morte é quase a entoação de um hino de vitória.

Sempre na rede da produção literária ligada ao nacionalismo angolano, outra face, a da luta propriamente dita, será evocada no romance *Mayombe*, de Artur Pepetela. Essa mesma luta é o pano de fundo do conteúdo alegórico do romance *Muana Puó* do mesmo autor. Pepetela é um verdadeiro construtor da memória coletiva da história de Angola. O conceito de “memória colectiva” foi inaugurado pelo sociólogo francês Maurice Halbwachs em 1925. Na sua obra a memória coletiva, ele relaciona a mesma com os contextos sociais da sua recordação e localização. Para ele, a memória tem um carácter colectiva, pois, se um indivíduo tem recordações, é pelo facto de pertencer a um grupo social com as suas vivências e experiências (Kapengo, 2024: 52).

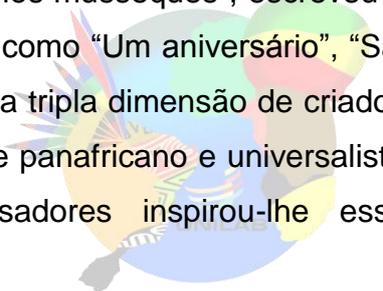
Reconstruindo uma substância da história de Angola através da memória coletiva, Pepetela, por meio dos narradores e dos próprios personagens, apresenta reflexões que determinam uma apreciação lúcida e justamente severa sobre a luta, a ideologia, as convicções e os limites na atuação presente e possivelmente futura das entidades em presença. Se é apontado o tribalismo como ponto fraco no meio dos guerrilheiros de *Mayombe*, o romance *A geração da utopia* denuncia a insinceridade ou hipocrisia e o sentido de oportunismo egoísta no abismo do qual caem alguns personagens. A decepção do protagonista Aníbal é a expressão da desilusão de toda uma geração que se encontra falida numa sociedade que acaba consagrando a irresponsabilidade social, a corrupção, o egoísmo e falta de escrúpulos como virtudes sociais: “Costumo pensar que a nossa geração se devia chamar a geração da utopia: nós, eu, o Laurindo, o Victor antes ou depois, todos nós a um momento dado éramos puros e queríamos fazer uma coisa diferente. Pensávamos que construiríamos uma sociedade ...” (Pepetela, 2011).

Sem privilégios, sem perseguições, uma comunidade de interesse e pensamentos, o paraíso dos cristãos, em suma. A um dado momento, mesmo que muito breve nalguns casos, fomos puros, desinteressados, só pensando no povo e lutando por ele. E depois ... tudo se adulterou, tudo apodreceu muito antes de chegar ao poder. Quando as pessoas

se apercebiam que mais cedo ou mais tarde era inevitável chegarem ao poder. Cada um começou por preparar as bases de lançamento para esse poder, a defender posições particulares, egoístas. A utopia morreu. E hoje cheira mal, como qualquer corpo em putrefacção. Dela só um discurso vazio” (Pepetela, 2011: 234).

Outro grande (re)construtor da memória coletiva angolana é Agostinho Neto, através da sua trilogia poética *Sagrada Esperança*, *Renúncia Impossível* e *Amanhecer*. Ao acompanhar detalhes da sua vida nos contextos e momentos mais variados, nos diferentes papéis que assumiu, seria oportuno perceber nele perfis inesperados ou, se quiser, impensados: conselheiro, consultor, consolador, pregador (pastor), lavrador (amigo do campo) e marinheiro. Portanto, Agostinho Neto é, numa perspectiva positiva, poeta, médico, político, ideólogo, líder, prisioneiro, guerreiro, estratega, profeta, etc., um verdadeiro “faz tudo”.

A consciência de libertador inspirou a criatividade de Agostinho Neto. O poeta de poemas como “Campos verdes”, “Partida para o contrato”, “Massacre de São Tomé”, “Noites de cárcere” e “Sábado nos musseques”, escreveu também “Um bouquet de rosas para ti” é o mesmo de poemas como “Um aniversário”, “Saudação” ou ainda “Afirmção”. Agostinho Neto revela-se na sua tripla dimensão de criador de lirismo pessoal e intimista, de poeta nacional e de militante panafricano e universalista. O sentido de profetismo que caracteriza os grandes pensadores inspirou-lhe esse verso que preanuncia a independência:



*“Amanhã
Entoaremos hinos à liberdade
Quando comemoramos
A data da abolição dessa escravatura”*

Esse conteúdo do poema “Adeus à hora da largada” como expressão da consciência política está em consonância com esse outro tão famoso, “*Havemos de voltar*”, talvez o mais conhecido do planeta, expressão da vertente da consciência cultural, desencadeadora do despertar ideológico e político-social. Em suma, a possibilidade de entoação do hino à independência só é possível com o despertar da consciência cultural. Dessa consciência cultural faz parte a obrigação de “*Havemos de voltar*”. Aqui, a poesia acompanha “ritmos” e “fogueiras”, ao som da “marimba” e do “quissange” no “carnaval”. Assim, literatura anda de mãos dadas com a música e a dança.

2.O período da pós-independência

A literatura angolana tem proporcionado um contributo valioso na luta para o alcance da independência nacional (1961-1975). Alcançada a independência, ela continua a garantir o acompanhamento da Nação angolana no seu devir político, social e histórico-cultural. Os autores testemunham dos inícios difíceis, em termos de organização, da nova República socialista.

Com a pós-independência fica ultrapassado o duelo directo entre colonizador e colonizado, europeu e africano, português e angolano, branco e preto. A realidade inspiradora assenta em temas mais atuais, como os efeitos da longa guerra, os problemas sociais, os modos de governação, etc. A produção literária evoca a ascensão fulgurante, nos domínios social e económico, de indivíduos que primam pela facilidade e o ilícito, como é o caso do “predador”, do romance *Predadores* de Pepetela.

A nível da governação global, o mesmo autor tinha publicado A geração da utopia anteriormente referido. Uanhenga Xitu brindou a nação angolana com o romance O Ministro, uma espécie de retrato ideal de governante honesto e humano que contrarie o perfil hoje generalizado de lideranças degradadas, duvidosas e, por conseguinte, negativas.

Na sua ficção narrativa “Os anões e os mendigos” (2004), Santos Lima evoca a evolução de uma República da Costa da Prata desde a luta de libertação até à governação da independência que torna o sonho pesadelo, devido à fragmentação do partido dirigente e ao fracasso dos objetivos políticos traçados pelo líder que acabará derrubado. O livro, que recorre ao neorealismo, revela uma escrita violentamente satírico, relata o desespero crescente do povo refém das más lideranças que reza por uma nova revolução. O narrador profere um pronunciamento final duro mas certo:

*O vosso socialismo é uma merda e uma aldrabice.
O que vocês fizeram foi enganar o povo com promessas e mais
promessas. Pois agora acabou ... Marx e os primos dele. O Lenine,
o Estalme e todos os outros (Lima, 2004: 177-178).*

A saborosa narrativa ficcional de Manuel Rui, Quem me dera ser onda proporciona um retrato daquilo que foi o imediato pós-independência em Luanda, com os seus problemas de endoutrinação político-ideológico, de alojamento, de abastecimento (e particularmente na alimentação). Descreve-se uma sociedade que sofre muitas limitações mas, em compensação, ainda relativamente saudável e estável, em relação à evolução

globalmente negativa de uma Nação hoje vítima de graves desequilíbrios sociais, económicos e psíquicos.

Considerações finais

Os escritores angolanos têm acompanhado a evolução da Nação em todas as etapas, contribuindo assim para a construção de uma memória coletiva reveladora da história do próprio país. As suas temáticas podem ser resumidas a alguns itens: denúncia do colonialismo, concretização cultural, revolta política, independência e pós-independência com as suas bênçãos mas também com as suas maldições.

A temática cultural faz também parte de alguma produção ficcional, por exemplo, em autores como Luandino Vieira e Boaventura Cardoso, a intrusão da oralidade, o linguajar do povo, o acervo tradicional da cultura, a presença da dança, da música e da pintura como subsídios possíveis da criação ficcional. Esses subsídios encontram-se mais visivelmente nas nossas literaturas orais, na altura da leitura ou da audiência “ao vivo”.

A nível académico, pesquisas estão a ser realizadas, outras já acabadas. A título exemplificativo, podemos citar: *As representações da Rainha Njinga Mbandi nas artes*, dissertação de mestrado de Melquisedec Salvador Bartolomeu no ISCED de Luanda (2024); *A migração do imbondeiro para o conto Ambundu*, dissertação de Inês Kimbundu na Faculdade de Humanidades da UAN (2024). A primeira citada evoca literatura, teatro, pintura e banda desenhada; a segunda aproxima a literatura e arquitectura.

Resta salientar a oportuna e necessária interação, a da língua em uso na literatura. A colonização portuguesa, na sua pretensão de abafar as culturas nativas, marginalizou e até proibiu as mesmas (lembrem-se do famoso despacho do Major Norton de Matos de 1921). Por conseguinte, a cultura oficial passa, ainda hoje, necessariamente, pela língua portuguesa. Numa reflexão publicada em 2013 (Fortuna, 2013: 157-172), afirma que “a literatura angolana deve ser escrita nas línguas nacionais”.

Nesse sentido, a literatura oral angolana hoje menosprezada terá de reconquistar a sua nobreza e ver reconhecida a sua importância. Por isso, defende-se o princípio da escrita de uma literatura angolana em línguas nacionais (Umbundu, Kimbundu, Kikongo, Cokwe, Ngangela, etc). É conhecido por exemplo, na literatura do Kénia, o caso do escritor e dramaturgo James Ngugi ou Ngugi wa Thiong’o que, para além do inglês, escreveu também em Kikuyu, sua língua materna. Obviamente, o princípio da escrita da literatura angolana em línguas nacionais não implica exclusão da possibilidade de coexistência com a já operacional em língua portuguesa entre a literatura oral e a escrita

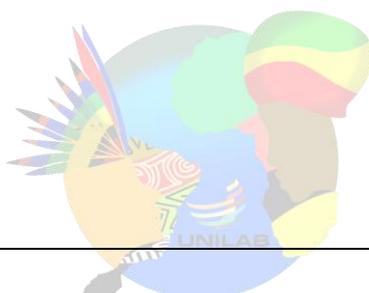
em línguas nacionais na sua elaboração, no que diz respeito à forma como também ao conteúdo.

Referências

- Boaventura, Cardoso (2014). *A morte do velho kipacaça*, Fenacult, Luanda.
- Bonnoci, T. (2000). *O pós-colonialismo e a literatura. estratégias de leitura*, Maringa, Eduem.
- Chévrier, Jacques (1990). *Littérature africaine. Histoire et grands thèmes*. Paris, hatier.
- Denis, Benoît (2000). *Littérature et engagement*. De Pascal à Sartre, Seuil Paris.
- Ervedosa, Carlos (1979). *Roteiro da literatura angolana*, 2.ed., Edições 70, Lisboa.
- Fortuna, Cláudio (2013). *Reencontros com as literaturas africanas de língua portuguesa*. Ed. Kiron, Michel Laban, Brasília.
- Halbwachs, Maurice (1968). *A memória colectiva*, Edições Vértice, São Paulo.
- Laranjeira, Pires (1995). *A negritude africana de língua portuguesa*. Porto, Afrontamento.

Recebido em: 12/03/2024

Aceito em: 23/07/2024



Para citar este texto (ABNT): NE-TAVA, Petelo Nginamau. Breves considerações sobre alguns aspectos da literatura angolana. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.4, nº 2, p.16-27, ago 2024.

Para citar este texto (APA): Ne-Tava, Petelo Nginamau (ago.2024). Breves considerações sobre alguns aspectos da literatura angolana. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 4 (2): 16-27.